

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

A importância dos laços afetivos

Versão Final



Emilie Vieira Pinheiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Orientadora: Professora Margarida Simões

Co-orientadores: Elisete Correia e José Vasconcelos-Raposo

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vila Real, Fevereiro de 2015

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

A importância dos laços afetivos

Versão Final

Emilie Vieira Pinheiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Orientadora: Professora Margarida Simões

Co-orientadores: Elisete Correia e José Vasconcelos-Raposo

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Composição do Júri:

Professora Doutora Carla Teixeira

Professora Doutora Inês Relvas

Professora Doutora Elisete Correia



Vila Real, Fevereiro de 2015

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Professora Doutora Margarida Simões, Elisete Correia e Vasconcelos-Raposo, pelo rigor e exigência que me inculcaram na realização deste projeto e ao longo da minha formação. Agradeço a partilha dos seus saberes e todas as valiosas contribuições em cada etapa deste trabalho.

Aos meus pais agradeço todo o apoio, incentivo e compreensão. Por tudo, obrigado.

Às minhas irmãs Stessie e Elodie pelo companheirismo, amor, amizade e paciência com que sempre me presentearam.

Aos utentes que fizeram parte desta investigação, o meu muito obrigado por tornarem isto possível.

Ao Zé agradeço todas as suas palavras de incentivo e confiança que sempre me motivaram a fazer mais e melhor.

Agradeço também aos meus amigos e a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a concretizar este projeto.

Índice

Agradecimentos	III
Índice	IV
Depressão: importância dos laços afetivos	1
Resumo	2
Abstract.....	3
Método.....	8
Participantes	8
Instrumentos	10
Procedimentos	11
Resultados.....	13
Discussão	17
Conclusão	19
Referências	20
Satisfação com as relações amorosas e vinculação	23
Resumo	24
Abstract.....	25
Método.....	30
Participantes	31

Instrumentos	31
Procedimentos	32
Resultados.....	33
Discussão	39
Conclusão	42
Referências	42

Depressão: importância dos laços afetivos

Depression: importance of affective bonds

Emilie Pinheiro*, Margarida Simões*, Elisete Correia*, & José Vasconcelos-Raposo*

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Resumo

A teoria da vinculação postula a necessidade universal dos sujeitos desenvolverem ligações afetivas de proximidade ao longo da ontogênese. A qualidade da vinculação influencia, fortemente, os processos emocionais, desenvolvimentais e motivacionais dos sujeitos. À luz desta teoria, o presente artigo teve como objetivo principal verificar se existiam diferenças relativamente aos protótipos de vinculação em indivíduos com e sem depressão clínica. Participaram nesta investigação 204 adultos, 58 diagnosticados com depressão clínica e 146 sem depressão, com idades compreendidas entre os 20 e os 55 anos, de ambos os sexos. Para avaliar as variáveis em estudo foram utilizados o IACLIDE, de Vaz Serra (1994), e a EVA, de Canavarro (1997). Os resultados obtidos demonstraram que um protótipo de vinculação inseguro encontra-se associado a maiores níveis de depressão ($p = .001$; $\eta_p^2 = .427$). A análise de médias permitiu aferir que o protótipo de vinculação inseguro amedrontado encontra-se, por sua vez, em maior número nos sujeitos com depressão clínica. Tal pode ser explicado pela visão negativa do *self* e dos outros que os sujeitos com este protótipo de vinculação apresentam. Conclui-se, assim, que a visão negativa do *self* e dos outros é um fator fundamental para a intervenção em sujeitos com depressão clínica, como Beck (1964) sugere.

Palavras-chave: vinculação, depressão clínica, adultos

Abstract

The attachment theory postulates the subjects' universal needs on developing affective bonds of closeness throughout ontogenesis. The attachment's quality strongly influences the emotional, developmental and motivational processes of the subjects. In light of this theory, this paper aimed to determine whether differences existed with respect to prototypes binding within individuals with and without clinical depression. The sample consisted of 204 adults, 58 diagnosed with clinical depression and 146 without depression, aged between 20 and 55 years, male and female. To evaluate the variables in the study, IACLIDE, Vaz Serra (1994), and EVA, the Canavarro (1997) were used. The results demonstrated that an insecure attachment prototype is associated with higher levels of depression ($p = .001$, $\eta_p^2 = .427$). Means' analysis allows us to state that the fearful insecure attachment prototype lies, in turn, in larger numbers within subjects clinical depressed. This can be explained by the negative view of the *self* and the others presented by subjects with this attachment prototype. It follows, therefore, that the negative view of self and others is a key factor for intervention in subjects with clinical depression, as Beck (1964) suggests.

Keywords: attachment, clinical depression, adults

A depressão afigura-se como a primeira causa de incapacidade a nível mundial com um elevado impacto socioeconómico na sociedade. Estima-se que, esta perturbação afeta, aproximadamente, 350 milhões de pessoas em todo planeta (WHO, 2008). Beck (1964) sustenta que os sintomas físicos, motivacionais e afetivos da depressão são o resultado da tríade cognitiva, dos esquemas ou crenças negativas e das distorções cognitivas (Bahls, 1999). Segundo a Teoria dos Esquemas Cognitivos Disfuncionais de Beck, a predisposição para a depressão tem origem nas experiências iniciais de vida, que conduzem à formação de esquemas disfuncionais (Dozois & Beck, 2011).

A teoria da vinculação conceptualiza a necessidade universal inerente a cada sujeito de desenvolver ligações afetivas de proximidade no decorrer do seu ciclo vital, de modo a adquirirem segurança para poderem explorar o mundo à sua volta, conhecer-se e conhecer os outros (Ainsworth & Bowlby, 1991). De facto, a vinculação como teoria do desenvolvimento humano encontra-se bem patente na frase de Bowlby "os comportamentos de vinculação acompanham o indivíduo desde o berço à sepultura" (Bowlby, 1980, p.129). Apesar de existirem elementos de congruência entre a vinculação na infância e na idade adulta como a homogeneidade das características comportamentais e emocionais, generalização da experiência e ligação temporal, a vinculação na infância desenvolve-se, essencialmente, em resposta direta à relação com a mãe e a vinculação no adulto é produto dos modelos internos dinâmicos (Bretherton, 1992). Weiss (1982) acrescenta que, a diferença principal entre a vinculação na infância e na idade adulta diz respeito à reciprocidade inerente às relações da vinculação na idade adulta, estabelecida tipicamente com os pares e parceiros amorosos, em oposição à natureza complementar das relações de vinculação na infância. Note-se que, por figuras de vinculação na idade adulta entende-se pessoas que face a situações indutoras de *stress* sejam capazes de funcionar como base segura e porto seguro (Crowell, Treboux & Waters, 2002)

Bowlby (1980) descreve os modelos internos dinâmicos como representações mentais que o indivíduo constrói acerca do mundo e do *self* que ajudam os sujeitos a perceber os acontecimentos, antever o futuro, construir planos e a envolver-se em comportamentos promotores da sobrevivência (Ainsworth & Bowlby, 1991). Os modelos internos dinâmicos na idade adulta têm como base a qualidade das relações da criança com as figuras de vinculação. No entanto, torna-se fundamental salientar a influência dos pares na elaboração dos modelos representacionais, uma vez que a vivência de experiências (des)agradáveis com estes pode influenciar a imagem que os indivíduos concebem do *self*. Esta conceção permite-nos apreender que, apesar destes modelos serem considerados relativamente estáveis, podem ser reformulados no contexto de experiências significativas capazes de revogarem experiências anteriores e possibilitarem novas conceções sobre as experiências passadas (Bretherton, 1992; Canavarro, 1999).

Bowlby (1980) afirma que, a qualidade dos modelos internos dinâmicos encontra-se associada à disponibilidade das figuras de vinculação (Bretherton, 1992). Bartholomew (1991) propôs um modelo de avaliação da vinculação no adulto constituído por quatro protótipos: Seguro, Preocupado, Amedrontado, Desligado. Estes protótipos são o produto da dicotomização em positivo e negativo dos modelos internos do *self* (o *self* como não/merecedor de cuidados e de amor) e dos outros (os outros são responsivos e confiáveis ou os outros são indisponíveis e rejeitantes). O modelo seguro (modelo do *self* e dos outros positivo) caracteriza-se por níveis moderados a elevados de autoconfiança e pela capacidade de estabelecerem relações de intimidade sem perderem a autonomia. No modelo preocupado (modelo do *self* negativo e modelo positivo dos outros) os indivíduos envolvem-se exageradamente nas relações e a sua autoestima depende da aceitação dos outros. O modelo desligado (modelo positivo do *self* e modelo negativo dos outros) é caracterizado pela valorização das capacidades do sujeito e desvalorização das relações de proximidade. Por

último, no padrão amedrontado (modelo negativo do *self e* dos outros) o indivíduo assume-se como inseguro e evita a proximidade, uma vez que teme ser rejeitado (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Ao longo das últimas décadas a literatura tem demonstrado que um protótipo de vinculação seguro é um fator protetor para o desenvolvimento da depressão, enquanto um protótipo de vinculação inseguro é um fator de risco para o desenvolvimento desta perturbação (Goodwin, 2003). Segundo Canavarro (1999), uma vinculação adulta insegura pode conduzir ao desenvolvimento de sintomatologia depressiva, uma vez que, os indivíduos tendem a interpretar acontecimentos interpessoais geradoras de *stress* como rejeição ou como consequência da sua incompetência social. A suscetibilidade para a depressão seria, assim, resultado da forma como os sujeitos organizam os eventos adversos do passado, como a falta de sensibilidade às suas necessidades, promotores de sentimentos de abandono e desespero (Guidano, 1987). No entanto, embora exista uma coerência na ligação entre protótipos de vinculação insegura e a perturbação, não existe praticamente nenhuma consistência na diferenciação entre um protótipo de vinculação mais vulnerável.

Haaga *et al.* (2002) realizaram um estudo cujo objetivo foi determinar a existência de uma associação causal entre o protótipo de vinculação e depressão. Para tal formaram dois grupos, um com pessoas com perturbação depressiva, outro com indivíduos sem depressão. Os autores concluíram que, o protótipo de vinculação amedrontado pode ser um fator de vulnerabilidade para a depressão. Reis e Grenyer (2004) consolidam as ideias defendidas por Haaga *et al.* (2002). Segundo estes autores apesar do modelo interno negativo do *self* (presente no protótipo preocupado e amedrontado) encontra-se associado a sintomas depressivos, o protótipo amedrontado encontra-se em maior número nos sujeitos diagnosticados com Depressão major.

Por sua vez, West e Carol (2002) realizaram um estudo com uma amostra constituída por 420 mulheres cujo objetivo era avaliar um modelo conceptual que associa o protótipo preocupado à perturbação depressiva em mulheres. Os resultados indicam que um protótipo de vinculação inseguro preocupado encontra-se associado com a depressão. No mesmo sentido, um estudo realizado por Ferriter, Eberhart e Hammen (2010) aponta para a existência de uma relação entre protótipo preocupado e níveis mais altos de depressão.

Verificámos que além de os estudos realizados sobre esta temática serem escassos, os resultados obtidos são inconclusivos. Alguns estudos (Ferriter, Eberhart & Hammen, 2010; West & Carol, 2002;) mostram que o protótipo de vinculação inseguro preocupado encontra-se associado à depressão enquanto outras investigações (Haaga *et al*, 2002; Reis & Grenyer, 2004) apontam que o protótipo de vinculação inseguro amedrontado é que está associado a esta perturbação. Estes resultados contraditórios podem ser explicados pelos diferentes critérios de diagnóstico da depressão (depressão enquanto humor depressivo, síndrome depressivo e depressão clínica), presença de comorbilidades, nomeadamente perturbações da personalidade, e a diferentes instrumentos de avaliação da vinculação. Note-se que os diversos instrumentos de avaliação da vinculação medem diferentes domínios temáticos e recorrem a diferentes tipos de abordagens conceptuais. Deste modo, encontrámos três grandes domínios temáticos: a) instrumentos que avaliam a memória subjetiva dos adultos acerca da sua história de vinculação na infância; b) instrumentos que avaliam a qualidade da vinculação com uma determinada figura de vinculação; c) e instrumentos que pretendem avaliar a vinculação ao companheiro. Relativamente às diferentes abordagens conceptuais, estas podem ser agrupadas em categoriais ou tipológicas, dimensionais e prototípicas (Canavarro, 1999).

Neste sentido, o objetivo geral da presente investigação foi: estudar a relação entre os estilos de vinculação e depressão. Para o efeito constituímos como objetivos específicos os

seguintes: i) verificar se existem diferenças significativas nos protótipos de vinculação no grupo deprimidos e não-deprimidos; ii) comparar por sexo, idade, estado civil, configuração familiar, situação laboral e estado civil por dimensões da vinculação (ansiedade, conforto com a proximidade e confiança nos outros) e depressão. Neste estudo ainda apresentamos os resultados da análise fatorial confirmatória da escala de vinculação, uma vez que não encontramos na literatura da especialidade qualquer trabalho que tivesse validado este instrumento através dos procedimentos que adotamos e que são os que devem ser aplicados ainda antes de se recomendar a sua utilização para a pesquisa científica.

Método

A presente investigação é de natureza transversal e do tipo quantitativo dado que o conjunto de medições foi realizado num único momento e está orientado para os resultados, preocupando-se com a mensuração dos dados. Neste sentido é possível medir as variáveis dependentes, nomeadamente, conforto com a proximidade, confiança nos outros, ansiedade e depressão em função das variáveis independentes, ou seja, a idade, o sexo, o estado civil, a configuração, habilitações literárias e filhos.

Participantes

A amostra foi constituída por 204 sujeitos com e sem depressão clínica. Para a constituição da amostra foram tidos em conta os seguintes critérios de exclusão: sujeitos com défices cognitivos gerais, perturbações da personalidade e da ansiedade, esquizofrenia e dependência de drogas ilícitas.

O grupo “deprimido” foi constituído por 58 indivíduos, selecionados segundo uma amostra de conveniência, avaliados em consultório e sem qualquer tipo de intervenção, numa instituição psiquiátrica no norte do país. Este grupo tem idades compreendidas entre os 22 e

os 55 anos ($M=30.95$; $DP= 8.64$), dos quais 79.3 % sujeitos pertencem ao sexo feminino e 20.7 % ao sexo masculino. Relativamente às habilitações literárias, 25.9 % dos sujeitos têm entre o 5/6º ano e o 9ºano, 58.6 % têm o 12ºano, 10.4 % têm o ensino superior e 5.2 % têm um curso profissional. Quanto ao estado civil 75.8 % são solteiros e 24.2 % são casados ou vivem em união de facto. Em relação à situação laboral, 51.7% estão empregados e 48.3 % estão desempregados. Relativamente aos filhos, 19 % têm filhos e 81% não têm qualquer descendente. No que concerne à configuração familiar 89.7 % provém de famílias intactas 10.3% são provenientes de famílias separadas ou divorciadas. Por fim, 39.7% têm um protótipo seguro, 25.9 % apresentam um protótipo preocupado, 13.8 % têm um protótipo desligado e 20.7% têm um protótipo amedrontado.

O grupo “não-deprimidos” foi constituído por 146 indivíduos, com idades compreendidas entre os 20 e os 53 anos ($M= 28.52$; $DP= 5.83.$), sendo 76.7 % do sexo feminino ($n=112$) e 23.3% do sexo masculino. No que se refere às habilitações literárias, 8.9% dos sujeitos têm entre o 5/6º ano e o 9ºano, 65.8 % têm o ensino secundário, 6.2 % têm um curso profissional e 19.2 % têm um curso superior. Relativamente ao estado civil, 75.3 % são solteiros e 24.7 % são casados ou vivem em união de facto. Quando à situação laboral 58.9 % estão empregados e 41.1% encontram-se desempregados. Em relação aos filhos, 18.5 % têm filhos e 81.5% não têm nenhum filho. Em relação à configuração familiar, 86.3% provêm de famílias intactas e 13.7 % de famílias divorciadas/separadas. Por último, 74.7 % dos sujeitos apresentam um protótipo seguro, 17.5% protótipo preocupado, 6.8 % protótipo desligado e 1.4% protótipo amedrontado.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico.

Foi construído, para este estudo, um questionário sociodemográfico que permitiu obter informações quanto ao sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, situação laboral, estado civil dos pais e existência de filhos.

Escala de Vinculação do Adulto (EVA).

A Escala de Vinculação do Adulto denominada originalmente como *Adult Attachment Scale-R* (AAS-R) foi desenvolvida por Collins e Read (1990) e validada para a população portuguesa por Canavarro (1997). É constituída por 18 itens cuja finalidade é avaliar a vinculação do adulto, através das dimensões Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros. Este instrumento permite, ainda, classificar os sujeitos de acordo com os quatro protótipos defendidos por Bartholomew (1991). Neste sentido, é possível identificar indivíduos Seguros (valores médios superiores a 3 na variável Conforto/Confiança e inferiores a 3 na variável Ansiedade), Preocupados (valores médios superiores a 3 nas variáveis Conforto/Confiança e Ansiedade), Desligados (valores médios inferiores a 3 nas variáveis Conforto/Confiança e Ansiedade) e Amedrontados (valores médios inferiores a 3 na variável Conforto/Confiança e superiores a 3 na variável Ansiedade) (Canavarro, 1999).

No que diz respeito à fiabilidade do instrumento neste estudo, o alfa de *Cronbach* é de .828 para a dimensão Ansiedade, de .63 para a dimensão Conforto com a proximidade e de .58 para a dimensão Confiança nos outros. Com o intuito de classificar os indivíduos de acordo com os protótipos de Bartholomew (1990) criou-se uma dimensão denominada Conforto-Confiança, que engloba o Conforto com a Proximidade e a Confiança nos Outros, e obteve um valor de alfa de .68.

Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (IACLIDE).

O Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (Vaz Serra, 1994) tem como objetivo medir a intensidade de um quadro clínico depressivo. É constituído por quatro tipos distintos de sintomas: biológicos, cognitivos, interpessoais e de desempenho da tarefa. Estes sintomas avaliam, respetivamente, a relação que o ser humano deprimido estabelece com o organismo, consigo próprio, com os outros e com o trabalho. Apresenta como pressuposto que, a gravidade de uma depressão é resultado da variância do número de sintomas presentes e da intensidade que cada um atinge na sua expressão. Deste modo, quanto maior a pontuação da nota global mais grave é a depressão do respondente (Vaz Serra, 1994).

A análise de consistência interna revelou valores de alfa de *Cronbach* de .929 para a totalidade da presente escala, no presente estudo.

Procedimentos

Como ponto de partida, procedeu-se ao pedido de autorização formal aos autores dos instrumentos validados e adaptados para a população portuguesa: Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (Vaz Serra, 1994) e Escala de Avaliação da Vinculação do Adulto (Canavarro, 1997). Posteriormente, procedeu-se à recolha de dados que decorreu entre o mês de Fevereiro e o mês de Junho. Momentos antes da aplicação dos questionários foi explicado aos participantes o objetivo do estudo, bem como foi garantido o anonimato e confidencialidade. Salientou-se, ainda que, a qualquer momento do preenchimento dos questionários estes poderiam desistir, sem que essa decisão tivesse qualquer tipo de penalização para os mesmos. Depois de efetuada a recolha da amostra, procedeu-se à cotação dos questionários de acordo com as explicações dos autores e realizou-se o tratamento e análise dos dados.

Análise estatística.

Procedeu-se, inicialmente, à realização de estatísticas descritivas, média (M) e ao desvio-padrão (DP), relativamente às variáveis avaliadas. Efetuou-se, ainda, a análise multivariada MANCOVA para determinar o efeito das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes; seguindo-se sempre que possível, de uma análise univariada para determinar as diferenças entre sexo, idade, configuração familiar, estado civil, habilitações literárias e situação laboral. O pressuposto da normalidade e homogeneidade das matrizes de variância-covariância foi confirmado através do Teste *M-BOX* e do Teste de *Levene*, de acordo com os critérios de Dancey e Reidy (2006). Para calcular a grandeza das diferenças entre os grupos foi calculado a magnitude do efeito. O *eta-squared partial* (η_p^2), foi utilizado como uma medida do tamanho de efeito de acordo com a seguinte regra: pequeno ($> .01$); médio ($> .06$) e grande ($> .14$) (Fernandes, Vasconcelos-Raposo & Brustad, 2012).

Posteriormente, procedeu-se à realização da análise fatorial confirmatória (AFC), utilizando o método de estimação *maximum likelihood*. De modo a verificar a adequabilidade do modelo aos dados utilizaram-se as seguintes medidas: *ratio chi square statistics/degrees of freedom* (X^2/df), *comparative fit index* (CFI), *goodness of fit index* (GFI), *root mean square error of approximation* (RMSEA). Optamos por não proporcionar informação mais detalhada quanto aos índices de adequação uma vez que este procedimento não se constituiu como um dos objetivos deste estudo. Na ausência de referências na literatura quanto à validade e fiabilidade desta escala, a realização da análise fatorial confirmatória que realizámos tem apenas como propósito melhor educar o leitor sobre o grau de confiabilidade que a escala confere.

Todas estas análises estatísticas foram realizadas através do programa SPSS (versão 22.0) e o AMOS 16.0.

Resultados

A análise das médias e dos desvios-padrão, de acordo com os grupos que constituem a amostra (Tabela 1), permite-nos constatar que sujeitos cujo protótipo de vinculação é seguro apresentam menores níveis de depressão, enquanto sujeitos cujo protótipo de vinculação é amedrontado apresentam maiores índices de depressão.

Tabela 1
Estatística descritiva

	Protótipos de vinculação	M±DP	N
Com Depressão	Seguro	28.39±8.31	23
	Preocupado	33.13±12.38	15
	Desligado	32±10.6	8
	Amedrontado	33.83±15.73	12
Sem depressão	Seguro	8.11±5.64	109
	Preocupado	10.56±5.78	25
	Desligado	11.4±4.06	10
	Amedrontado	7.5±10.6	2

Para verificar se existem diferenças significativas relativamente aos protótipos de vinculação na amostra de indivíduos com e sem depressão recorreu-se a uma ANOVA fatorial com interação, uma vez que se verificou o pressuposto da homogeneidade das variâncias. Os resultados obtidos permitem-nos constatar que existem diferenças significativas quer entre os grupos que constituem a amostra ($F_{(1,958)} = 152.205$; $p = .001$; $\eta_p^2 = .427$), quer entre os diferentes protótipos de vinculação ($F_{(3,622)} = 3297$; $p = .021$; $\eta_p^2 = .05$).

De modo a identificar qual ou quais os protótipos que apresentam diferenças significativas efetuou-se o teste de *Tukey* (tabela 2), que revela que existem diferenças significativas entre o protótipo seguro e os protótipos inseguros preocupado, desligado e amedrontado ($p < .001$) e entre o protótipo amedrontado e preocupado ($p = .006$).

Tabela 2

Diferenças entre os protótipos de vinculação

Protótipos de vinculação		IC95%	P
Protótipo seguro	Protótipo preocupado	[-11.80; -4.60]	<.001**
	Protótipo desligado	[-14.42; -4.35]	<.001**
	Protótipo amedrontado	[-21.36; -10.49]	<.001**
Protótipo preocupado	Protótipo seguro	[4.60; 11.80]	<.001**
	Protótipo desligado	[-6.85; 4.47]	.948
	Protótipo amedrontado	[-13.74; -1.71]	.006
Protótipo desligado	Protótipo seguro	[4.35; 14.42]	<.001**
	Protótipo preocupado	[- 4.47; 6.84]	.948
	Protótipo amedrontado	[-13.51; 0.43]	.075
Protótipo amedrontado	Protótipo seguro	[10.49; 21.36]	<.001
	Protótipo preocupado	[1.71; 13.64]	.006
	Protótipo desligado	[-0.43; 13.52]	.075

Nota: *p<.005; ** p<.001; IC95% = Intervalo de confiança a 95%

Com o intuito de reavaliar a estrutura dimensional da escala, procedeu-se a uma Análise Fatorial Exploratória de Componentes Principais (rotação *varimax*) pedindo a extração de três fatores. Como se pode verificar na tabela 3 a dimensão Ansiedade é constituída pelos itens 3, 9, 10 e 11, a dimensão Conforto com a proximidade pelos itens 7,16 e 19, por último, a dimensão Confiança nos outros pelos itens 1, 8, 12 e 14.

Tabela 3

EVA- pesos fatoriais de cada item dos 3 fatores

Ansiedade		Conforto proximidade		Confiança nos outros	
Item	Peso	Item	Peso	Item	Peso
3	.577	7	.672	1	.654
9	.721	16	.551	8	.539
10	.680	18	.786	12	.740
11	.675			14	.485

A realização de análises fatoriais confirmatórias permitiu-nos aferir em que medida o modelo teórico subjacente ao racional da EVA se ajusta aos dados recolhidos. Após a correção do modelo 1, os valores das medidas de ajustamento obtidos foram os seguintes: aceitáveis ($X^2/df = 2.554$, $CFI = .917$, $GFI = .924$, $RMSEA = .088$). Todos estes valores satisfazem os critérios estabelecidos para se confirmar a adequabilidade da escala para avaliar aquilo que se propõe medir.

Análises comparativas: variáveis sociodemográficas e vinculação

Com o intuito de avaliar se os fatores configuração familiar e escolaridade tiveram um efeito estatisticamente significativo sobre as dimensões da vinculação efetuou-se uma MANCOVA (co-variável: idade), após se ter validado os pressupostos da normalidade e homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias. Os resultados apontam para a não existência de diferenças significativas advindas quer da interação ($\lambda Wilks = .920$, $F_{(9,469)} = 1.827$, $p = .061$, $\eta_p^2 = .028$), quer da variável configuração familiar ($\lambda Wilks = .990$, $F_{(3,193)} = .666$, $p = .574$, $\eta_p^2 = .01$). Apesar de a variável escolaridade não apresentar diferenças significativas ($\lambda Wilks = .935$, $F_{(9,469)} = 1.467$, $p = .157$, $\eta_p^2 = .022$), a reduzida potência do teste (.508) aliada à reduzida dimensão da amostra, podem ser responsáveis por esta conclusão. Face aos resultados obtidos, numa atitude menos conservadora, mas mais potente, recorrendo à *Maior Raiz de Roy* podemos considerar este efeito como estatisticamente significativo ($MRR = .055$, $F_{(3,195)} = 3.584$, $p = .015$, $\eta_p^2 = .052$, potência=.785). Contudo, a análise mediante o teste *post-hoc* denota que não existem diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a concluir que existem diferenças na vinculação enquanto fenómeno mas as subescalas de teste não apresentam validade discriminativa.

A análise multivariada MANCOVA (co-variável: idade) realizada com as dimensões da vinculação em função da configuração familiar e do sexo não revelou interação ($\lambda Wilks$

=.983, $F_{(3,197)} = 1.164$, $p = .325$, $\eta_p^2 = .017$). Analisando os efeitos isolados de cada uma das variáveis, os resultados indicam que não existem efeitos quer do sexo ($\lambda Wilks = .984$, $F_{(3,197)} = 1.047$, $p = .373$, $\eta_p^2 = .016$), quer da configuração familiar ($\lambda Wilks = .966$, $F_{(3,197)} = 2.987$, $p = .08$, $\eta_p^2 = .034$).

Análises comparativas: variáveis sociodemográficas e depressão

Na avaliação de sintomas depressivos e as variáveis sociodemográficas habilitações literárias, sexo e situação laboral utilizou-se a análise de variância ANOVA, após se ter verificado os pressupostos subjacentes, normalidade e homogeneidade de variâncias-covariâncias. Os resultados apontam para a não existência de resultados estatisticamente significativos entre depressão e as variáveis situação laboral ($F_{(1,751)} = .043$; $p = .836$; $\eta_p^2 = .000$), sexo ($F_{(1,126)} = .081$; $p = .372$; $\eta_p^2 = .005$) e idade ($F_{(1,391)} = 2.487$; $p = .117$; $\eta_p^2 = .014$). Encontraram-se resultados estatisticamente significativos nas habilitações literárias ($F_{(3,473)} = 3.01$; $p = .032$) com um efeito pequeno ($\eta_p^2 = .049$), sendo que os sujeitos com o 5º ano (21.54 ± 2.36) apresentam valores mais elevados de depressão comparativamente aos sujeitos com o 12º ano (14.56 ± 1.09), curso profissional (14.25 ± 3.61) e o curso superior (12.06 ± 2.14). O teste *post-hoc* de *Tukey* (tabela 4) revela que existem diferenças significativas entre sujeitos com o 5º ano e o 12º ano ($p = .041$) e o curso superior ($p = .02$).

Tabela 4

Teste de Tukey: habilitações literárias e depressão

Habilitações literárias		IC95%	<i>p</i>
	12ºano	[.23; 13.72]	.04*
5ºano	C.profissional	[-3.89; 18.46]	.33
	C.superior	[1.21; 17.74]	.02*
12ºano	C.profissional	[-9.46; 10.08]	1
	C.superior	[-3.74; - 8.74]	.73
C.profissional	C.superior	[-8.68; - 13.06]	.95

Nota: * $p < .05$; ** $p < .001$; IC95% - Intervalo de confiança a 95%

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal estudar a relação entre os protótipos de vinculação e depressão. Pretendeu-se, também, caracterizar os sujeitos em termos de depressão e vinculação e sua relação com as variáveis demográficas: sexo, idade, situação laboral, configuração familiar e habilitações literárias.

Os resultados mostram que indivíduos com um protótipo seguro apresentam menores índices de depressão comparativamente a indivíduos cujo protótipo é inseguro. Neste sentido, o presente estudo vai ao encontro de uma grande variedade de estudos (Canavarro, 1999; Goodwin, 2003; Haaga *et al.*, 2002; Reis & Grenyer, 2004) que analisam a associação entre depressão e vinculação e que concluem que um protótipo de vinculação seguro é um fator protetor para o desenvolvimento de psicopatologias e que um protótipo inseguro encontra-se associado à vulnerabilidade para o desenvolvimento da depressão (Goodwin, 2003). De acordo com a teoria de vinculação um protótipo de vinculação seguro permite a construção de um modelo do *self* e dos outros positivo, e promove um sentimento de resiliência, de proximidade, de bem-estar e de adaptação, constituindo-se como um fator protetor para o desenvolvimento da depressão clínica (Ainsworth & Bowlby, 1991; Canavarro, 1999).

Paralelamente, sujeitos cujo protótipo de vinculação é inseguro são pouco eficazes na resolução de problemas, conduzindo a dificuldades de gestão emocional, provocando sentimentos de frustração e maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de sintomatologia depressiva (Miljkovitch, 2004). De ressaltar, que os resultados obtidos vão, ainda, de encontro ao modelo da tríade cognitiva da depressão de Beck, segundo o qual o desenvolvimento da sintomatologia depressiva seria resultado da visão negativa que o indivíduo desenvolve acerca de si, do mundo e do futuro (Bahls, 1999). De acordo com a perspectiva de Beck protótipos de vinculação cuja visão do *self* é negativa (presentes no protótipo preocupado e amedrontado) apresentam uma maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de depressão (Dozois & Beck, 2008).

Apesar de ainda não existir um consenso na literatura sobre o protótipo de vinculação inseguro mais vulnerável, os resultados do presente estudo apontam no sentido de que o protótipo amedrontado encontra-se associado a níveis mais severos de depressão clínica. Estes dados vão ao encontro dos estudos realizados por Haaga *et al.* (2002) e Reis e Grenyer (2004) que sustentam que a manutenção de uma visão negativa do *self* e dos outros, observáveis no protótipo amedrontado, encontram-se associados à depressão clínica. Indivíduos com este protótipo de vinculação tendem a evitar relações de proximidade devido ao medo que sentem da rejeição e da intimidade, apresentando, por este motivo, elevados níveis de desconfiança relativamente aos outros. Consequentemente desenvolvem uma autoimagem negativa, como indignos de amor e de cuidados, e interpretam as relações interpessoais como fontes de frustrações. Este viés na interpretação dos relacionamentos interpessoais faz com que os indivíduos evitem relações construtivas, podendo conduzir ao isolamento social. De acordo com Reis e Grenyer (2004) a percepção das experiências interpessoais dão origem a uma imagem negativa do *self* e originam sentimentos dolorosos

sobre si-próprios, que aumentam a vulnerabilidade para o desenvolvimento da depressão clínica.

Importa, ainda, salientar a existência de diferenças significativas entre depressão e habilitações literárias, em que sujeitos com o 5º ano apresentam valores mais elevados de depressão. Estes resultados podem ser explicados pela existência de uma maior maturação cognitiva nos sujeitos com maior nível de escolaridade, que lhes pode possibilitar uma análise mais complexa e integrativa dos acontecimentos adversos com que se deparam, aplicar os seus recursos pessoais e interpessoais e pedir ajuda a outros significativos de modo a gerir estes acontecimentos de forma mais saudável (Dias & Fontaine, 1996).

Conclusão

Os dados encontrados mostraram que um protótipo de vinculação inseguro amedrontado encontra-se associado a níveis mais elevados de depressão. Tal pode ser explicado pela visão negativa do *self* e dos outros que os sujeitos com este protótipo de vinculação apresentam. Os resultados da presente investigação apresentam implicações importantes para o processo de consulta/intervenção psicológica, uma vez que, e como Beck (1964) sugere, a visão negativa que o indivíduo possui acerca de si próprio é um fator fundamental para a intervenção em sujeitos com depressão clínica.

Este artigo contribui para o conhecimento sobre a interação entre vinculação e depressão, e para uma melhor compreensão do funcionamento do adulto. No entanto, estudos futuros deverão ter em atenção às técnicas de amostragem de modo a não ser tão heterogénea e à adequabilidade da escala, que não apresenta valores suficientemente robustos.

Referências

- Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Bahls, S. (1999). Depressão: uma breve revisão dos fundamentos biológicos e cognitivos. *Interação*, 3, 49-60.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61 (2), 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology*, 28 (5), 759-775.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Crowell, J. A., Treboux, D., & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: the transition to marriage. *Developmental psychology*, 38 (4), 467-479.
- Cui, M. & Fincham, F. (2010). The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult relationship. *Personal relationships*, 14, 331-343. doi: 10.1111 / j.1475-6811.2010.01279.x
- Dias, G. F., & Fontaine, A. M. (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar dos jovens: algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de consulta psicológica*, 12, 103-114.
- Dozois, D., & Beck, A. (2008). Cognitive schemas, beliefs and assumptions. In K. S. Dobson & D. J. A. Dozois (Eds.), *Risk factors in depression*, eberhart, hammsion (pp. 121-143). Oxford, England: Elsevier/Academic Press.
- Fernandes, H., Vasconcelos-Raposo, J., & Brustad, R. (2012). Factors associated with positive mental health in a portuguese community sample: a look through the lens of ryffis psychological well-being model. In V. Olisah, *Essential notes in psychiatry* (pp. 495-514). Croatia: In Tech.

- Ferriter, C., Eberhart, N. K., & Hammen, C. L. (2010). Depressive symptoms and social functioning in peer relationships as predictors of eating pathology in the transition to adulthood. *Journal social & clinical psychology*, 29, 202-227.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using spss*. Londres: SAGE Publications.
- Goodwin, I. (2003). The relevance of attachment theory to the philosophy, organization, and practice of adult mental health care. *Clinical psychology review*, 23(1), 35.
- Guidano, V. (1987). *Complexity of the self: a developmental approach to psychopathology and therapy*. New York: Guilford Press.
- Haaga, D., Yarmus, M., Hubbard, S., Brody, C., Solomon, A., Kirk, L., Chamberlain, J. (2002). Mood dependency and self-rated attachment style. *Cognitive therapy and research*, 26 (1), 57-71. doi: 10.1023/A:1013841720939
- Joel, S., MacDonald, G., & Shimotomai, A. (2011). Conflicting pressures on romantic relationship commitment for anxiously attached individuals. *Journal of personality*, 79 (1), 51-73. doi:10.1111/j.1467-6494.2010.00680.x
- Miljkovitch, R. (2004). Vinculação e psicopatologia durante a infância. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Coord.) *Vinculação: conceitos e aplicações*. (Pestana, E. Trad.). Lisboa: Climepsi
- Reis, S. & Grenyer, B. (2004). Fearful attachment, working alliance and treatment response for individuals with major depression. *Clinical psychology & psychotherapy*, 11, 414-424. doi: 10.1002/cpp.428
- Sbarra, D., Emery, R., Beam, C., & Ocker, B. (2013). Marital dissolution and Major depression in midlife. *Clinical psychological science*, 13, 249-257. doi:10.1177/2167702613498727
- Vaz Serra, A. (1994). *Inventário de avaliação clínica da depressão*. Edição de Psiquiatria Clínica
Coimbra: Coimbra.
- Washington, K. (2012). Romantic attachment among young adults: the effects of parental divorce and residential instability. *Theses and dissertations: family sciences*. University of Kentucky:UK.

- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- West, M. & Carol, G. (2002). Attachment and dysthymia: the contributions of preoccupied attachment and agency of *self* to depression in women. *Attachment & human development*, 4 (3), 278 –293.doi: 10.1080 /1461673021016725 8
- World Health Organization [WHO/OMS] (2012). *Depression. A global public health concern*. World health organization. Department of mental health and substance abuse. Retirado: Janeiro, 2, 2014 em http://www.who.int/mental_health/management/depression/who_paper_depression_wfmh_2012.pdf

Satisfação com as relações amorosas e vinculação

Satisfaction with romantic relationships and attachment

Emilie Pinheiro*, Margarida Simões*, Elisete Correia*, & José Vasconcelos-Raposo*

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Resumo

A Teoria da vinculação sustenta que as experiências emocionais ocorridas na relação com os cuidadores primários, contribuem para a construção dos modelos internos dinâmicos que influenciam os comportamentos, expectativas e afetos acerca do *self* e do mundo, orientando a ação dos sujeitos em relações de proximidade estabelecidas posteriormente. O presente artigo tem, neste sentido, como principais objetivos verificar a associação dos estilos de vinculação seguro e inseguro com a percepção de satisfação relacional; e verificar se a proximidade emocional à família de origem influencia a satisfação. Participaram nesta investigação 182 adultos, com idades compreendidas entre os 20 e os 55 anos, de ambos os sexos. Para avaliar as variáveis em estudo utilizou-se um questionário sociodemográfico e a escala de avaliação da vinculação no Adulto (Canavarro, 1997). Os resultados obtidos demonstram que um estilo de vinculação inseguro encontra-se associado à satisfação relacional, e que a proximidade emocional à mãe não se encontra relacionado com a satisfação. Foi, contudo, encontrado um efeito pequeno relativamente à associação entre proximidade emocional ao pai e satisfação. Pode-se concluir que a capacidade dos sujeitos em confiar nos seus parceiros e partilharem os seus sentimentos de forma flexível e empática é fundamental para a percepção de satisfação relacional.

Palavras-chave: vinculação, relações amorosas, família

Abstract

The theory sustains that emotional attachment experiences occurring in the relationship with primary caregivers contribute to the construction of internal working models, which influence the behaviors, emotions and expectations about the *self* and the world, guiding the action of individuals in close relationships that will be established later.

This article has by main objectives to verify the association of secure and insecure attachment's styles with the perception of relational satisfaction; and check if the emotional closeness to the origin's family influences satisfaction. The sample consisted of 182 adults, aged 20 and 55 years, male and female. To evaluate the variables under study were used a sociodemographic questionnaire and the assessment scale attachment in Adult (Canavarro, 1997). The results demonstrate that an insecure attachment style is associated with relational satisfaction, and emotional closeness with the mother is not related with satisfaction. It was, however, founded a small effect relatively to association between father emotional closeness and satisfaction. It can be concluded that individuals' ability to rely on their partners and share their feelings in a flexible and empathetic manner is critical to the perception of relational satisfaction

Keywords: attachment, love relationships, family

Nas últimas décadas tem-se assistido a uma proliferação de estudos cuja temática centra-se no funcionamento das relações amorosas, particularmente da satisfação relacional. Esta temática tem assumido um papel de maior destaque no séc. XXI devido à capacidade do par amoroso proporcionar sentimentos de pertença, essenciais para um funcionamento adaptativo do adulto (Martins, 2013). No entanto, ainda não é evidente que tipo de fatores estarão relacionados com o aumento da insatisfação com o par amoroso e a forma como a vinculação poderá estar, ou não, relacionada com este facto. Salientamos, ainda que, quando abordamos o tema vinculação nas relações amorosas, importa, não só verificar a vinculação ao par amoroso, mas também às primeiras figuras de vinculação, nomeadamente às figuras parentais. Deste modo, como a proximidade emocional com as figuras parentais tem sido menos abordada em estudos que abordam as relações amorosas importa verificar se a mesma terá ou não influência.

A satisfação relacional com o par amoroso pode ser definida como a avaliação subjetiva da qualidade relacional que cada membro do casal apresenta da relação (Hendrick & Hendrick, 2006). A perceção de satisfação é fundamental para a promoção de um sentimento de bem-estar, para um funcionamento adaptativo e regulação de situações indutoras de stresse (Martins, 2013).

O estabelecimento e manutenção de relações afetivas de proximidade é uma necessidade humana universal, que se manifesta por via de um conjunto de cognições, comportamento e emoções ao desejo de manter um relacionamento íntimo com uma pessoa em particular (Aron, Fisher, & Strong, 2007). A teoria da vinculação tem fornecido um modelo conceptual para a compreensão das ligações amorosas entre parceiros.

A vinculação representa um processo contínuo que não se esgota na infância, pelo contrário, prolonga-se por toda a vida humana. Ao longo do ciclo vital, emergem,

para além do contexto familiar novos contextos que podem promover mudanças na organização da vinculação, como as relações amorosas. No entanto, é nos primeiros anos de vida na interação com os cuidadores primários que se encontram as bases para o estabelecimento das relações amorosas na idade adulta. Uma vez que, são os modelos internos dinâmicos, que se formam a partir das interações precoces com as figuras de vinculação, que influenciam comportamentos, expectativas e afetas relativos às relações íntimas estabelecidas posteriormente. Deste modo, as relações de vinculação estabelecidas precocemente com os cuidadores primários funcionam como prototípicas das relações íntimas estabelecidas posteriormente (Ainsworth & Bowlby, 1991; Cassidy, 2001). Importa esclarecer no entanto, que as relações estabelecidas na idade adulta com o par amoroso constituem uma oportunidade para os sujeitos reestruturar as relações estabelecidas na infância e modificarem o seu protótipo de vinculação (Canavarro, 1999).

Hazan e Shaver (1987), pioneiros da aplicação da teoria da vinculação nos relacionamentos amorosos, defendem que os laços emocionais estabelecidos entre bebé cuidadores primários e nos adultos apresentam a mesma base motivacional. Por outras palavras, as relações amorosas contêm uma panóplia de comportamentos característicos de uma relação de vinculação designadamente: procura e manutenção da proximidade ao parceiro; utilização do companheiro como porto seguro em situações de ameaça ou necessidade de conforto; uso do parceiro como base segura; e formação de sentimentos de desconforto quando o parceiro não se encontra acessível (Selcuk, Zayas, & Hazan, 2010). No entanto, apesar destas semelhanças, a vinculação ao par amoroso, ao contrário da vinculação aos pais, assume uma natureza complementar, uma vez que, os elementos da díade podem adotar, em diferentes momentos, papéis de procura de segurança e prestação de cuidados (Weiss, 1982).

A natureza complementar e recíproca da vinculação no adulto é responsável pela promoção de sentimentos de confiança, na medida em que os elementos da díade são capazes de se protegerem originando cuidado e conforto (Feeney, 2008). Em momentos de fragilidade o adulto procura conforto e segurança numa figura acessível e responsiva capaz de lhe prestar cuidados quando se precisa de se reorganizar psicologicamente (Zeifman & Hazan, 2008).

Diversos estudos têm demonstrado (Feeney, 2008; Zeifman & Hazan, 2008) que sujeitos com protótipos de vinculação diferentes apresentam distintas formas de vivenciar as relações amorosas em que se envolvem. Neste sentido, sujeitos cuja vinculação ao par amoroso é segura percebem-se como seres merecedores de amor e acreditam que o seu par é recetivo e retribuível do mesmo. Sentem-se confortáveis com a intimidade e a autonomia. Por sua vez, sujeitos com o protótipo preocupado não se veem como merecedores de amor e avaliam o seu companheiro de forma positiva, preocupando-se muito nas relações. Sujeitos com vinculação amedrontada pensam que não são merecedores de amor, esperam que o seu par os rejeite e temem a intimidade. Por último, sujeitos com um protótipo de vinculação desligado percebem-se como merecedores de amor. No entanto apresentam uma avaliação negativa do seu par amoroso não sentindo a intimidade como necessária (Banse, 2004; Fraley & Shaver, 2000).

Deste modo, segundo a teoria da vinculação a satisfação relacional pode ser conceptualizada como o resultado de protótipos de vinculação seguros e a insatisfação resultado de um protótipo de vinculação inseguro. Sujeitos com um protótipo de vinculação seguro são capazes e estão dispostos a confiar nos seus parceiros e podem partilhar os seus sentimentos de forma flexível e empática com as necessidades destes, apresentando níveis maiores de satisfação relacional comparativamente com sujeitos

com um protótipo de vinculação inseguro (Feeney, 1999; Hazan & Shaver, 1987; Maclean, 2002).

Importa ressaltar que os resultados dos estudos suprarreferidos referem-se a protótipos de vinculação. Atualmente acredita-se que a vinculação ao par amoroso deve ser interpretada de acordo com duas dimensões da vinculação, a ansiedade e o evitamento. Na dimensão evitamento, os indivíduos sentem-se desconfortáveis com a proximidade e uma necessidade excessiva em manter a independência, apresentando por este motivo níveis de compromisso menores. Pessoas com níveis maiores de evitamento tendem a reduzir a sua capacidade de resposta às necessidades de proximidade do seu parceiro, interpretando-as como intrusivas (Campbell, Simpson, Boldry, & Kashy, 2005). Na dimensão ansiedade, os sujeitos tendem a experienciar ambivalência - por um lado desejam a proximidade e, por outro, temem a rejeição. Sujeitos com níveis maiores de ansiedade são mais propensos a experienciar sentimentos de abandono, sublinhando a importância da proximidade para uma relação satisfatória (Campbell, Simpson, Boldry, & Kashy, 2005).

Estudos efetuados por Kirkpatrick e Davis (1994) e Assunção (2009) demonstram diferenças no sexo relativamente ao tipo de vinculação. Segundo estes autores os homens apresentam maiores níveis de evitamento nas relações comparativamente às mulheres e, paralelamente, as mulheres apresentam níveis mais elevados de ansiedade. No entanto, estudos efetuados por Feeney e Noller (1990), Collins e Read (1990) e Colaço (2009) não verificaram diferenças nos protótipos de vinculação entre sexos.

Relativamente à proximidade emocional com o pai/ mãe e de acordo com a teoria da vinculação é suposto que indivíduos com maiores níveis de proximidade emocional exibam comportamentos de vinculação que promovam a intimidade e a segurança relacional. Uma vez que, segundo a teoria da vinculação as experiências

emocionais ocorridas na infância com as figuras parentais, são fundamentais para a construção dos modelos internos dinâmicos sobre o *self* e o mundo e orientam os comportamentos dos indivíduos nas relações de proximidade futuras (Bretherton, 1992).

No entanto, apesar de estar bem documentado que a história das vinculações ocorridas na infância influenciam o modo como os sujeitos se relacionam com os outros na idade adulta, é necessário um maior enfoque teórico relativamente à relação atual entre as figuras parentais, uma vez que os estudos empíricos atuais tendem a focar-se nos primeiros vínculos entre pais e filhos.

Hartup (1989) sustenta que jovens adultos que atualmente relataram proximidade emocional com a família de origem apresentam maiores níveis de satisfação relacional. No entanto, estudos posteriores realizados por Bradford e Lyddon (1993) e Butcher (1996) não encontraram qualquer associação entre relações com os pais e satisfação nos relacionamentos.

A presente investigação tem como objetivo explorar as relações entre familiares e o de vinculação amoroso nos adultos. Pretende-se, deste modo: i) avaliar a presença dos diferentes protótipos de vinculação nas relações amorosas em adultos e a sua associação com a satisfação relacional; ii) comparar por sexos, idade e filhos, relativamente às dimensões evitamento da proximidade e ansiedade; iii) avaliar se a idade, sexos, configuração familiar e filhos estão relacionados com a satisfação relacional; iv) verificar que relações de associação existem entre proximidade emocional ao pai e à mãe e satisfação com a relação.

Método

A presente investigação é de natureza transversal e do tipo quantitativo dado que o conjunto de medições foi realizado num único momento e está orientado para os resultados, preocupando-se com a mensuração dos dados.

Participantes

A amostra foi constituída por 182 indivíduos com idades compreendidas entre os 20 e os 55 anos ($M=29.34$; $DP= 6.81$), dos quais 138 sujeitos pertencem ao sexo feminino (75.8%) e 44 (24.2%) ao sexo masculino. No que se refere às habilitações literárias, 116 sujeitos têm o 12ºano, 32 um curso superior, 15 tem o 9º ano, 11 possuem um curso profissional e 8 têm o 5/6ºano. No que se refere à situação laboral, 108 indivíduos encontram-se empregados enquanto 74 estão desempregados. Quanto ao estado civil 129 sujeitos são solteiros, 50 são casados ou vivem em união de facto e 2 são divorciados. Importa esclarecer, que independentemente do estado civil dos indivíduos, um dos critérios de inclusão necessários para a participação no estudo foi os indivíduos manterem uma relação afetiva com um parceiro/a à pelo menos 6 meses. Verifica-se, ainda, que 40 indivíduos têm filhos enquanto 142 sujeitos não têm qualquer descendente. No que concerne à configuração familiar 154 participantes provém de famílias intactas e 28 são provenientes de famílias separadas ou divorciadas.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico.

Foi construído, para este estudo, um questionário sociodemográfico que permitiu obter informações quanto ao sexo, idade, estado civil, presença de filhos, habilitações literárias, configuração familiar, nível de proximidade ao pai e à mãe e satisfação com a relação afetiva. De ressaltar que para este estudo foi adotado o conceito de satisfação relacional com o parceiro amoroso de Hendrick e Hendrick (2006) que estabelecem que a satisfação implica uma avaliação pessoal e subjetiva da relação.

Escala de Vinculação do Adulto (EVA).

A Escala de Vinculação do Adulto denominada originalmente como *Adult Attachment Scale-R* (AAS-R) foi desenvolvida por Collins e Read (1990) e validada

para a população portuguesa por Canavarro (1997). É constituída por 18 itens cuja finalidade é avaliar a vinculação do adulto, através das dimensões ansiedade, conforto com a proximidade e confiança nos outros. A dimensão ansiedade diz respeito, como o próprio nome indica, ao grau de ansiedade que o sujeito sente relativamente ao medo de ser abandonado ou de não ser amado. A dimensão conforto com a proximidade refere-se ao grau em os indivíduos se sentem confortáveis com a intimidade e a proximidade. Por sua vez, a dimensão confiança nos outros define o grau em que os sujeitos sentem confiança nos outros, assim como na disponibilidade destes quando sentida como necessária.

Este instrumento permite, ainda, classificar os sujeitos de acordo com os quatro protótipos defendidos por Bartholomew. Neste sentido, é possível identificar indivíduos Seguros, Preocupado, Desligados e Amedrontados (Canavarro, 1999).

A análise da consistência interna revelou alfas de *Cronbach* de .827 na dimensão Ansiedade, .650 na dimensão Conforto com a proximidade e .599 na dimensão Confiança nos outros.

Procedimentos

O processo de recolha de dados decorreu entre o mês de fevereiro e o mês de junho do ano letivo 2013/2014. Depois de efetuada a recolha da amostra, procedeu-se à cotação da Escala de Vinculação do Adulto e realizou-se o tratamento e análise dos dados.

Análise estatística

Para efeitos de análise e tratamento de dados foi utilizado o programa SPSS (versão 22.0). De modo a aferir se as variáveis dependentes seguiam uma distribuição normal foram analisados os valores de *skeweness* (assimetria) e *kurtosis* (achatamento). Através da análise dos valores de *skeweness* e *kurtosis* verifica-se que as variáveis

dependentes encontram-se dentro do intervalo esperado, o que revela a normalidade da amostra nesses domínios. Neste seguimento constatou-se a possibilidade de utilização de testes paramétricos.

De modo a verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre vinculação e as variáveis sexo, idade e configuração familiar utilizou-se o teste MANOVA, após se ter validado os pressupostos da normalidade e homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias. Para calcular a grandeza das diferenças entre os grupos, relativamente ao teste MANOVA foi utilizado o *eta partial squared*, sendo que o autor considera um efeito pequeno quando $\eta_p^2 \leq .05$, de média magnitude quando $.05 < \eta_p^2 \leq .25$, de elevada magnitude quando $.25 < \eta_p^2 \leq .50$ e de muito elevada magnitude quando $\eta_p^2 > .50$ (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, & Brustad, 2012).

Com o objetivo de verificar se existia uma relação significativa entre os protótipos de vinculação, sexo, estado civil, existência de filhos, proximidade emocional ao pai e à mãe e satisfação relacional utilizou-se o teste do qui-quadrado. De modo a calcular a magnitude do efeito, no que concerne ao teste qui-quadrado, foi calculado o V de Cramer, sendo que para um grau de liberdade é considerado um efeito pequeno quando $v \cong .1$, um efeito moderado quando $v \cong .3$ e grande quando $v \cong .5$. Por sua vez, quando o grau de liberdade é igual a 2 são considerados os seguintes intervalos: efeito pequeno, $v \cong .07$; efeito médio, $v \cong .21$; efeito grande, $v \cong .35$ (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, & Brustad, 2012). Em todas as análises estatísticas foram considerados valores de significância de $p < .05$.

Resultados

Esta seção inicia-se com a exploração dos resultados descritivos – apresentação do número de observações e percentagens – dos protótipos de vinculação relativamente à satisfação com a relação amorosa (Tabela 1). Os resultados permitem-nos constatar

que a existência de diferenças percentuais relativamente à distribuição dos protótipos de vinculação quanto à percepção de satisfação com a relação amorosa. Deste modo, verificou-se que dos sujeitos cuja avaliação da satisfação relacional é positiva 73.2 % tem um protótipo de vinculação seguro e 26.7% um protótipo de vinculação inseguro (protótipo preocupado- 11.8%; protótipo desligado- 9.4%; protótipo amedrontado – 5.5%). Comparativamente, sujeitos cuja avaliação é negativa 49.1% apresentam um protótipo de vinculação seguro e 50.1 % um protótipo de vinculação inseguro (protótipo preocupado- 30.9%; protótipo desligado- 10.9%; protótipo amedrontado – 9.1%).

Tabela 1

Distribuição dos protótipos de vinculação relativamente à satisfação relacional

	Satisfeito (N= 127)	Não satisfeito (N= 55)
Seguro	93 (73.2%)	27 (49.1 %)
Preocupado	15 (11.8 %)	17 (30.9%)
Desligado	12 (9.4 %)	6 (10.9%)
Amedrontado	7 (5.5 %)	5 (9.2%)

Foi efetuado o teste do qui-quadrado para descobrir se existe uma relação significativa entre os protótipos de vinculação e a satisfação com a relação amorosa. Para tal, os protótipos de vinculação foram agrupados em indivíduos seguros e indivíduos inseguros (protótipo desligado, amedrontado e preocupado). O valor de χ^2 foi de 8.91, com uma probabilidade associada de .003, para um grau de liberdade igual a 1, mostrando que tal relacionamento é bastante provável. O V de Cramer obtido foi aproximadamente de .234 que indica um tamanho de efeito médio (Tabela 2).

Tabela 2

Relação entre os protótipos de vinculação e satisfação relacional (teste do χ^2)

Indivíduos	Satisfeitos		Não Satisfeitos		P	ν
	N	Fe	N	Fe		
Seguros	93	83.7	27	36.3	.003*	.234
Inseguros	34	43.3	28	18.7		

Nota: * $p < .005$; ** $p < .001$; efeito pequeno ($\nu \cong .07$); efeito médio ($\nu \cong .21$); efeito grande ($\nu \cong .35$)

De modo a verificar se existem diferenças significativas entre os sexos relativamente às dimensões evitamento da proximidade e ansiedade realizou-se uma MANOVA, após se terem verificado os pressupostos de aplicabilidade (homogeneidade das matrizes de variância-covariância e normalidade das distribuições univariada e multivariada). Através da observação dos dados conclui-se que não existe evidência estatística (*Wilks' $\lambda = .079$, $F_{(2,179)} = .15$, $\eta_p^2 = .021$) que nos leva a afirmar que o fator sexo influencia as dimensões em estudo (tabela 3).*

Tabela 3

Análise diferencial entre ansiedade e evitamento relativamente ao sexo

	Sexo Feminino	Sexo Masculino	P	η_p^2
	M±D	M±D		
Evitamento	3.57±.57	3.49±.52	.15	.021
Ansiedade	2.48±.77	2.39±.82		

Nota: * $p < .005$; ** $p < .001$; efeito pequeno ($\eta_p^2 \leq .05$), médio ($.05 < \eta_p^2 \leq .25$) elevado ($.25 < \eta_p^2 \leq .50$), muito elevado ($\eta_p^2 > .50$)

Pretendeu-se, ainda, compreender se existem diferenças significativas relativamente à idade ao nível do evitamento e ansiedade (tabela 4). Com este propósito realizou-se uma MANOVA que mostrou que não existem diferenças multivariáveis entre estas variáveis (*$\lambda_{max} = .006$, $F_{(2,179)} = .559$, $p = .573$, $\eta_p^2 = .006$).*

Tabela 4

Análise diferencial entre ansiedade e evitamento relativamente à idade

	20-29	30-39	Mais 40	<i>p</i>	η_p^2
	M±D	M±D	M±D		
Evitamento	3.58±.55	3.50±.57	3.51±.53	.573	.006
Ansiedade	2.44±.77	2.47±.88	2.35±.72		

Nota: * $p < .005$; ** $p < .001$; efeito pequeno ($\eta_p^2 \leq .05$), médio ($.05 < \eta_p^2 \leq .25$) elevado ($.25 < \eta_p^2 \leq .50$), muito elevado ($\eta_p^2 > .50$)

Para verificar se existem diferenças relativamente às dimensões evitamento e ansiedade em indivíduos de famílias intactas e separadas, recorreu-se ao teste MANOVA. Os resultados obtidos permitem-nos constatar que existem diferenças significativas em pelo menos uma variável ($Wilks' \lambda = .979$, $F_{(2,179)} = .05$, $\eta_p^2 = .032$). O teste de *Tukey* revelaram que sujeitos de famílias intactas e separadas diferem significativamente ao nível da dimensão evitamento ($F_{(1, 291)} = 3415$, $p = .039$), ver tabela 5.

Tabela 5

Análise diferencial entre ansiedade e evitamento relativamente à configuração familiar

	Intacta	Separada	<i>p</i>	η_p^2
	M±D	M±D		
Evitamento	3.36±.54	3.59±.55	.039	.023
Ansiedade	2.44±.77	2.38±.87	.677	.001

Nota: * $p < .005$; ** $p < .001$; efeito pequeno ($\eta_p^2 \leq .05$), médio ($.05 < \eta_p^2 \leq .25$) elevado ($.25 < \eta_p^2 \leq .50$), muito elevado ($\eta_p^2 > .50$)

Com o intuito de verificar a existência de associação entre sexo e satisfação relacional realizou-se o teste do qui-quadrado (tabela 6). Os resultados observados indicam que não existe associação entre indivíduos do sexo masculino e feminino e a percepção de satisfação, $\chi^2_{(1)} = .006$, $p = .939$, $v = .02$).

Tabela 6

Relação entre satisfação relacional e sexo (teste do χ^2)

	Satisfeitos		Não Satisfeitos		p	v
	N	Fe	N	Fe		
Feminino	97	96.3	41	41.7	.939	.020
Masculino	30	30.7	14	13.3		

Nota: * p<.005; ** p<.001; efeito pequeno (v \cong .07); efeito médio (v \cong .21); efeito grande (v \cong .35)

Procedeu-se à realização do teste do qui-quadrado para verificar se o estado civil e a satisfação com a relação estão associados (tabela 7). Este teste não revelou a existência de uma associação significativa entre estas variáveis ($\chi^2_{(1)} = 0.33$, p = .565, v = .057).

Tabela 7

Relação entre satisfação relacional e estado civil (teste do χ^2)

	Satisfeitos		Não satisfeitos		p	v
	N	Fe	N	Fe		
Solteiro	88	90.1	41	38.9	.565	.057
Casado/União facto	37	34.9	13	15.1		

Nota: * p<.005; ** p<.001; efeito pequeno (v \cong .07); efeito médio (v \cong .21); efeito grande (v \cong .35)

Pretendemos, ainda, aferir a relação entre a existência de filhos e a satisfação com a relação (tabela 8). Os resultados obtidos no teste do qui-quadrado indicam que não existem associação entre sujeitos com e sem filhos na satisfação relacional ($\chi^2_{(1)} = .884$, p = .347, v = .070).

Tabela 8

Relação entre satisfação relacional e filhos (teste do χ^2)

	Satisfeitos		Não Satisfeitos		P	v
	N	Fe	N	Fe		
Com filhos	25	27.9	15	12.1	.347	.070
Sem Filhos	102	99.1	40	42.9		

Nota: * p<.005; ** p<.001; efeito pequeno (v \cong .07); efeito médio (v \cong .21); efeito grande (v \cong .35)

Procurou-se, também, compreender se existem associações significativas entre configuração familiar e satisfação relacional (tabela 9). Os resultados obtidos no teste do qui-quadrado indicam que não existem associações entre as variáveis ($\chi^2_{(1)} = .001, p = 1, v = .015$).

Tabela 9

Relação entre satisfação relacional e configuração familiar (teste do χ^2)

	Satisfeitos		Não Satisfeitos		p	V
	N	Fe	N	Fe		
Intacta	101	101.5	53	52.5	1	.015
Separada	19	18.5	9	9.5		

Nota: *p<.005; **p<.001; efeito pequeno (v \cong .07); efeito médio (v \cong .21); efeito grande (v \cong .35)

Com o propósito de verificar se existe relação entre idade e satisfação relacional efetuou-se o teste do qui-quadrado (tabela 10), que revela que não existe associação entre estas variáveis, ($\chi^2_{(2)} = 4.514, p = .105, v = .157$). No entanto, um efeito pequeno foi sugerido pelo valor V de Cramer (v = .157).

Tabela 10

Relação entre satisfação relacional e idade (teste do χ^2)

	Satisfeitos		Não Satisfeitos		p	v
	N	Fe	N	Fe		
20-29 anos	84	83.7	36	36.3	.105	.157
30-39 anos	34	30.7	10	13.3		
Mais de 40 anos	9	12.6	9	5.4		

Nota: *p<.005; **p<.001; efeito pequeno (v \cong .07); efeito médio (v \cong .21); efeito grande (v \cong .35)

Pretendemos, por último, verificar se existe alguma associação entre proximidade emocional à mãe e ao pai e satisfação com a relação amorosa (tabela 11).

Para este efeito foi utilizado o teste qui-quadrado, os resultados obtidos indicam que não existe associação entre satisfação relacional e proximidade à mãe ($\chi^2_{(2)} = .216, p = .897, v = .034$) e proximidade ao pai ($\chi^2_{(2)} = 1746, p = .417, v = .098$). De ressaltar, no entanto, o pequeno efeito obtido relativamente à satisfação relacional e proximidade ao pai.

Tabela 11

Relação entre satisfação relacional e proximidade ao pai e à mãe (teste χ^2)

			Satisfeito	Não satisfeito	p	v
Proximidade ao pai	Muito próximo	N	52	18	.417	.098
		Fe	48.8	21.2		
	Próximo	N	56	25		
		Fe	56.5	24.5		
	Distante	N	19	12		
		Fe	21.6	9.4		
Proximidade à mãe	Muito próximo	N	83	34	.897	.034
		F..e	81.6	35.4		
	Próximo	N	36	17		
		Fe	37	16		
	Distante	N	8	4		
		Fe	8.4	3.6		

Nota: * p<.005; ** p<.001; efeito pequeno (v \cong .07); efeito médio (v \cong .21); efeito grande (v \cong .35);

Discussão

O presente estudo teve como propósito avaliar a presença dos diferentes protótipos de vinculação nas relações amorosas em adultos e a sua associação com a satisfação relacional.

Os resultados obtidos mostram que um protótipo de vinculação seguro encontra-se associado à percepção de satisfação com a relação e, inversamente, um protótipo

inseguro encontra-se associado à não satisfação com o par amoroso. Estes dados vão de encontro aos resultados obtidos por Feeney (1999), Hazan e Shaver (1987) e Maclean (2002), que afirmam que sujeitos seguros são caracterizados pela facilidade em estabelecer relações de proximidade com os outros e por se sentirem confortáveis com a proximidade. Em termos de prestação de cuidados, estes indivíduos conseguem alternar os papéis, recebendo e prestando cuidados, de acordo com as circunstâncias que se adequam ao contexto relacional. Por outras palavras, os sujeitos seguros são capazes de perceberem o parceiro amoroso como uma base segura em momentos adversos e serem percebidos como responsivos face às necessidades dos mesmos. Uma vez que se definem como dignos de serem amados, não se mostram preocupados com a possibilidade dos parceiros amorosos os abandonarem. Pelo contrário, sujeitos cujo protótipo de vinculação é inseguro apresentam dificuldades na gestão da proximidade com os parceiros amorosos. Estabelecem, tipicamente, relações assimétricas no que concerne à prestação de cuidados, sendo cuidadores ou cuidados, mostrando pouca flexibilidade cognitiva e emocional para a alternância de papéis. Este facto faz com que sintam preocupação com o afastamento ou perda da amizade/amor das figuras de vinculação.

Ao contrário do que Assunção (2009) e Kirkpatrick e Davis (1994) sustentam, não se verificaram diferenças significativas entre os sexos e o tipo de vinculação. Estes resultados estão em conformidade com os estudos efetuados por Feeney e Noller (1990), Collins e Read (1990) e Colaço (2009) que não verificaram diferenças nas dimensões evitamento com a proximidade e ansiedade nos sexos. De acordo com os autores, o sexo dos sujeitos não é determinante e não altera por si só o protótipo de vinculação.

Verificou-se, ainda, que sujeitos de famílias intactas e separadas diferem significativamente ao nível da dimensão evitamento. Indivíduos provenientes de

famílias intactas apresentam um menor nível de evitamento com a proximidade. No entanto, Brooks (2008) sustenta que a separação/divórcio das figuras parentais não condiciona os protótipos de vinculação, nomeadamente o evitamento da proximidade. Vários factores podem contribuir para este acontecimento, como as dinâmicas relacionais no sistema parental.

Os resultados obtidos indicam, também, com um tamanho de efeito pequeno, que a idade encontra-se relacionada com a satisfação relacional. Tal pode ser explicado de acordo com as etapas de vida do casal. Deste modo, a formação do casal é caracterizado por uma forte idealização e fusão da díade, contribuindo para o aumento da satisfação relacional. Torna-se compreensível, nesta ótica, os resultados obtidos em que sujeitos entre os 20-29 anos apresentam maior satisfação com a relação amorosa. É nesta faixa etária que os parceiros amorosos encontram-se orientados para a relação. Por sua vez, as etapas seguintes (filhos pequenos e com filhos na escola) são marcadas por um foque na parentalidade contribuindo para a diminuição da satisfação relacional (Relvas, 1996).

Os resultados do presente estudo apontam para a não existência de associação entre proximidade emocional à mãe e ao pai, como Hartup (1989) sustenta. A teoria da vinculação tem fornecido um suporte empírico fundamental para a compreensão da satisfação relacional e proximidade emocional ao pai e à mãe. De acordo com esta teoria um relacionamento próximo aos pais promove comportamentos de vinculação amorosa que fomentem a intimidade e a segurança relacional (Bretherton, 1992). No entanto, tal não foi observado no presente estudo. De ressaltar, todavia, o tamanho de efeito pequeno encontrado entre satisfação relacional e proximidade emocional ao pai. Este resultado encontra-se concordante com os obtidos por Rader e Campbell (2001). De acordo, com os autores quando os participantes indicavam uma relação mais

próxima com os pais, eram, também, mais propensos a indicar o relacionamento amoroso como mais satisfatório.

Conclusão

Os dados encontrados mostraram que um protótipo de vinculação seguro encontra-se associado à satisfação com a relação amorosa. Tal pode ser explicado pela capacidade dos sujeitos com um protótipo de vinculação seguro em confiar nos seus parceiros e conseguirem partilhar os seus sentimentos de forma flexível e empática com as necessidades destes.

Os resultados obtidos indicam, também, que não existe relação entre proximidade emocional à mãe e satisfação com a relação. No entanto, foi encontrado um pequeno efeito entre relação com o pai e satisfação relacional. Seria importante que relativamente à proximidade à mãe e ao pai, se examinasse os sexos separadamente. No sentido em que diversas pesquisas apontam que a percepção de proximidade difere de homem para mulher. Contudo, tal não foi possível devido ao número de sujeitos do sexo masculino ser bastante reduzido, inviabilizando a realização do teste do qui-quadrado (numero de frequências esperadas > 20 %).

Este artigo contribui para o conhecimento sobre a influência dos pais na vida adulta, uma vez que as maiorias dos estudos sobre as relações pais-filhos debruçam-se, essencialmente, nas faixas etárias mais precoces (infância e adolescência).

Referências

Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.

- Aron, A., Fisher, H., & Strong, G. (2006). Romantic love. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *Cambridge handbook of personal relationships*, 595-614. New York: Cambridge Univ Press.
- Assunção, R. (2009). *Associação entre vinculação parental e amorosa: o papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva*. (Tese de Mestrado publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Banase R. (2004). Adult attachment and marital satisfaction: Evidence for dyadic configuration effects. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 273–282. doi: 10.1177/02654075040413
- Bradford, E., Lyddon, W. (1993). Current parental attachment - its relation to perceived psychological distress and relationship satisfaction in college-students. *Journal of College Student Development*, 34(4), 256-260.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28 (5), 759-775.
- Butcher, K. (1996). *Influence of parental relationships on young adult identity and intimacy development*. (Tese de doutoramento publicada). University of North Texas: Denton.
- Campbell, L., Simpson, J., Boldry, J. & Kashy, D. (2005). Perceptions of Conflict and Support in Romantic Relationships: The Role of Attachment Anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(3), 510-531. doi: [10.1037/0022-3514.88.3.510](https://doi.org/10.1037/0022-3514.88.3.510)
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cassidy J. (2001). Truth, lies, and intimacy: an attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3, 121–155.

- Colaço, I. (2009). *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância*. (Dissertação de mestrado publicada).à Faculdade de Psicologia e da Ciências de Educação, Universidade de Lisboa.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Feeney, J. (2008). *Adult romantic attachments: Developments in the study of couple relationships*. In J. Cassidy and P. R. Shaver (Eds.) *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 456-481). New York: Guilford Press.
- Feeney, J. (1999). Adult attachment, emotional control, and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185.
- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281-291.
- Fraley, R. & Shaver, P. (2000). Adult romantic attachment: theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of general psychology*, 4 (2), 132-154.
- Hartup, W. (1989). Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, 44, 120-126.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987) Romantic Love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hendrick, S., Hendrick, C. (2006). Measuring respect in close relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23(6), pp. 881-899.
- Kirkpatrick, L. & Davis, K. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66 (3), 502-512. doi: [10.1037/0022-3514.66.3.502](https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.3.502)

- Maclean, A. (2002). *Attachment in marriage: Predicting marital satisfaction from partner matching using a three-group typology of adult attachment style*. Unpublished Dissertation, Purdue University, U.S.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo
- Martins, T.(2013). *Adult attachment and dyadic adjustment: the mediating role of shame*. (Dissertação de mestrado publicada).Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Rader, H. & Campbell, V. (2001).*Influence of family relationships on young women's romantic development*. Poster apresentado na 109thannual convention of American Psychological Association, San Francisco, CA.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Selcuk, E., Zayas, V., & Hazan, C. (2010). Beyond satisfaction: the role of attachment in marital functioning. *Journal of family theory & review*, 2, 258–279. doi:10.1111/j.1756-2589.2010.00061.x
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books
- Zeifman, D. & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Re-evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds), *Adult attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 436-455). London: Guilford.